

IV Encontro Nacional de Literatura Infanto-Juvenil e Ensino - IV ENLIJE
ATIVIDADES DE TRADUÇÃO COM A ADAPTAÇÃO FÍLMICA DE ‘ALICE IN
WONDERLAND’ DE TIM BURTON

Angelica Almeida de Araújo
Sinara de Oliveira Branco
Universidade Federal de Campina Grande

1 – Introdução

Este artigo teve origem a partir das observações oriundas do projeto de pesquisa do PIBIC/CNPq, ciclo 2010-2011 com o título “A Tradução Intersemiótica em sala de línguas estrangeiras”. A pesquisa buscou elaborar atividades que envolvessem a Tradução Intersemiótica e filmes, buscando melhorar as atividades de escuta, fala, leitura e escrita. O material para elaboração das atividades é o filme “*Alice in Wonderland*” (2010) do diretor Tim Burton. O filme, que é uma adaptação do texto original homônimo do autor Lewis Carroll (1865), tem roteiro original de Linda Wolverton, retratando o retorno da personagem Alice à terra de *Wonderland*.

Foi possível verificar, em pesquisas anteriores, que o uso frequente de atividades envolvendo imagens, cores, sons, pinturas e outros elementos não verbais é relevante para o aprendizado de um novo idioma. Entretanto, mesmo que professores de Língua Estrangeira (LE) tenham consciência de que o uso de tradução é um auxílio positivo no desenvolvimento do aprendizado dos alunos, por vezes, não sabem como usar a tradução com um propósito, deixando-a em segundo plano ou utilizando-a sem objetivos claros. É devido a essa dificuldade de como utilizar a tradução em sala de aula de LE que pretendemos, neste trabalho, apresentar algumas atividades de tradução que venham nortear o professor na elaboração de aulas de línguas estrangeiras.

Temos como **objetivo geral** deste artigo analisar a obra “*Alice in Wonderland*”, de Lewis Carroll, adaptada para o cinema pelo diretor Tim Burton (2010), como base para a criação de atividades de ensino de língua inglesa, utilizando a ferramenta de tradução e envolvendo elementos intersemióticos. Os **objetivos específicos** são: i) Compilar cenas, imagens e músicas do filme “*Alice in Wonderland*”, de Tim Burton; e ii) Elaborar atividades que trabalhem a categoria intersemiótica de tradução de maneira consciente, tendo como objetivo a melhora das habilidades linguísticas (fala, escrita, escuta e/ou leitura).

2 – Teoria Funcionalista da Tradução

A primeira base teórica em que nos fundamentamos é a Abordagem Funcionalista da Tradução de Nord (1997). Esta abordagem apresenta a ideia de que a tradução é realizada

dependendo de um propósito específico, isto é, a partir de um objetivo ou finalidade traçado pelo tradutor, a partir do que lhe é solicitado por um determinado cliente. Essa teoria tem base no ato tradutório com foco na tradução e em seu leitor, levando em consideração o contexto em que o leitor está inserido. Seguindo essa linha de raciocínio, a cultura é um fator relevante, pois textos (orais ou escritos) são criados a partir de traços culturais particulares. No que diz respeito aos filmes, OUSTINOFF (2011) afirma que cada cultura enxerga aspectos diferentes em uma mesma obra. Isso significa que uma interpretação feita de um filme em um país será diferente do que será posto em foco em outro.

Na Abordagem Funcionalista, o texto original deixa de ter o papel de fonte principal de informação para a produção do texto traduzido, pois a tradução funcionalista prioriza o objetivo da tradução, considerando-a uma recriação e não apenas uma cópia ou transposição linguística do texto¹ original. Jakobson (1959, In: VENUTI, 2000) dá exemplos de como uma transposição linguística pode variar dependendo do contexto e do leitor envolvido. O autor narra, por exemplo, que uma criança russa, ao ler a tradução de alguns contos alemães, fica aterrorizada ao ver a morte, do gênero feminino em russo, desenhada como um velho senhor, pois, na Alemanha, o vocábulo “morte” (*der Tod*) é do gênero masculino. Pode-se perceber, então, que a função de levar em consideração o receptor da mensagem traduzida de um texto ou gravura, como observado no exemplo acima, é modificada a partir do contexto e do receptor da mensagem e que os elementos intersemióticos são relevantes para a compreensão da informação.

Nord (1997) segue a sugestão de Reiss (1977), que desenvolveu um modelo de crítica tradutória baseada no conceito de equivalência linguística entre duas línguas e na relação entre texto-fonte e texto-alvo. Entretanto, as duas autoras têm consciência de que há situações em que a equivalência não é possível ou sequer desejada. Essas situações são nomeadas por Reiss como exceções e uma dessas exceções surge quando a intenção do texto traduzido difere do propósito do original. É nesse ponto que Nord (*ibid.*) desenvolve a Abordagem Funcionalista, sugerindo que um texto traduzido não necessariamente terá o mesmo propósito do texto original. Vale salientar aqui que a função do texto pode ser modificada de acordo com a intenção da tradução, porém, sem modificar a essência, ou seja, a mensagem do texto original.

A visão funcionalista enxerga a atividade de tradução como interação. Tal atividade pode ser vista como uma ponte que conecta duas pessoas separadas pela barreira linguístico-cultural. Os tradutores possibilitam a comunicação entre membros de culturas distintas, transmitindo conhecimento e, finalmente, proporcionando comunicação. Dessa maneira, são trabalhadas as

¹ Texto aqui pode ser relacionado não só com o texto escrito, mas com outros tipos de signo (não-verbais ou verbais) que podem ser lidos, uma vez que contém mensagens específicas.

propostas de atividades envolvendo a Categoria Intersemiótica de Tradução de Jakobson, juntamente com as habilidades de escuta, fala, leitura e escrita.

3 – Categorias de Tradução

Jakobson (1959, In: VENUTI, 2000) relacionou a tradução aos aspectos linguísticos de definição de signo. Para ele, o significado de qualquer palavra, frase ou imagem é definitivamente um fato linguístico-semiótico. Assim, Jakobson propôs três tipos de categorias de tradução que englobam a diversidade de significados dos signos utilizados para a comunicação.

A primeira delas é a **Categoria Intralingual**, ou *reformulação*, que é definida pelo autor como uma interpretação de signos verbais por outros signos em uma mesma língua. Esse conceito está ligado às ideias de sinônimos, definições, equivalências e circunlocuções. Durante uma aula em LE, por exemplo, um aluno que não entendeu o que significa a palavra *notebook*² e perguntou ao professor, ouvindo a definição do termo, em inglês: *‘it’s a set of sheets joined together by a spiral or binded together like a book’*³, ou simplesmente *‘it’s what you use to take notes’*⁴ ou até usa um termo equivalente, como *‘book’*⁵. Em todos esses casos, o professor se utilizou de signos verbais para explicar outro signo verbal da mesma língua.

A segunda categoria definida pelo teórico é a mais relacionada à ideia que se tem do que seja tradução. A **Categoria Interlingual**, ou *tradução propriamente dita*, é definida por Jakobson como sendo uma interpretação de signos verbais de uma língua por signos verbais de outra língua. Ou seja, a tradução aqui envolve “duas mensagens equivalentes, em dois códigos distintos” (Jakobson, In: VENUTI, 2000, p. 114). A leitura de um dicionário bilíngue, por exemplo, que traz um termo em inglês com seu equivalente em português e vice e versa, ou um aluno que pergunta “o que é *‘notebook’*?”, e o professor que responde que “significa *‘caderno’*”, e tantas outras situações que ocorrem durante o uso de uma língua estrangeira, são exemplos dessa transposição de signos de uma língua para outra.

Por fim, mas não menos importante, está a **Categoria Intersemiótica**, ou *transmutação*, que é, na verdade, o ponto crucial desta pesquisa. Esta é definida pelo autor como a interpretação de signos verbais por sistemas de signos não-verbais e vice e versa. Isto é, a interpretação de uma imagem, figura, pintura, som, entre outros, em forma de um texto escrito ou discurso oral são características desse tipo de tradução.

Em uma época de globalização e acesso a outras línguas e culturas, a visão sobre tradução tem se diversificado para atender as necessidades, seja de teóricos ou de tradutores. Oustinoff (2011)

² “Caderno”.

³ “É um conjunto de folhas unidas por um espiral ou presas como em um livro”.

⁴ “É o que você usa para fazer anotações”.

⁵ “Livro”.

afirma que antes de se tornar um campo de estudo de cientistas, a tradução está presente em nosso cotidiano, pois ela constitui uma operação fundamental da linguagem. O autor ainda reforça a necessidade de se compreender que a tradução envolve o campo oral e escrito, verbal e não verbal, muito embora haja, na sociedade ocidental, a tendência de o escrito prevalecer sobre o oral.

No que diz respeito à transposição intersemiótica, Oustinoff (2011) afirma que esse é um campo tão próximo e corriqueiro que é difícil de perceber quando se realiza esse tipo de tradução. O autor também diz que essas transformações constituem um campo de estudo tão vasto e decorrem de transposições nas quais a parte de “imitação” é tão grande que não se consegue relacionar este campo à “tradução no sentido em que geralmente se entende esse termo” (OUSTINOFF, 2011, p.115). Com o avanço dos Estudos de Tradução, a ideia de que a tradução era apenas a transposição de signos verbais de uma língua para outra se ampliou e abrangeu a transposição dos mais variados signos linguísticos. Considerando-se que a palavra escrita é um significante visual e que dispomos de tantos outros significantes, a tradução passou a ser percebida em um sentido mais amplo pelo fato de que está presente em diversos contextos do cotidiano. Com relação à forma de transposição, Jakobson (1959, In: VENUTI, 2000) ressalta que,

Só a transposição criativa é possível: Seja a transposição Intralingual – de uma forma poética para outra, ou Interlingual – de uma língua para outra, ou finalmente Intersemiótica – de um sistema de signos para outro, ex., de uma arte verbal para a música, dança, cinema ou pintura⁶. (JAKOBSON, In: VENUTI, 2000, p.118, tradução minha).

Assim, percebe-se que a utilização da categoria intersemiótica é uma ferramenta criativa que possibilita o trabalho de elaboração de atividades, a partir dos filmes citados anteriormente, mostrando que é possível a utilização da tradução como um auxílio ao trabalho com habilidades de escuta, fala, leitura e escrita em LE, até mesmo utilizando tais habilidades simultaneamente.

4 – Cinema e Tradução

Como visto acima, a tradução está presente nos filmes e nas artes. É a partir desta constatação, que Cronin (2009) alerta que o cinema deve estar presente em sala de aula, por ser um exemplo concreto do forte uso da tradução. Em seu livro “*Translation goes to the movies*” (ainda sem tradução no Brasil), o autor expõe que o cinema é uma evidência de tradução que deve ser incorporada no ensino e na observação de perspectivas de tradução (CRONIN, 2009, p. xii).

⁶ *Only creative transposition is possible: either intralingual transposition—from one poetic shape into another, or interlingual transposition—from one language into another, or finally intersemiotic transposition—from one system of signs into another, e.g., from verbal art into music, dance, cinema, or painting.* (JAKOBSON, 1959, In: VENUTI, 2000, p.118).

O autor aponta características culturais que envolvem o filme e sua tradução. Cronin (2009, p.1) afirma que “a evidência visual é extremamente persuasiva” e por isso o cinema tomou proporções internacionais desde seu início. O trabalho com filmes no ensino de LE ajuda não só a formar indivíduos conhecedores de uma língua estrangeira, mas possibilita os alunos a enxergarem todo um sistema cultural que envolve a outra língua e a sua própria:

O conhecimento que cada um tenha da própria língua contém, em potência, o conhecimento de todas as outras – por intermédio da tradução. A tradução é mais que uma simples operação linguística: as línguas são inseparáveis da diversidade cultural. (OUSTINOFF, 2011, p. 10).

Podemos observar, a partir da citação acima, que as línguas constituem um emaranhado de conhecimentos culturais que fazem com que o aprendizado de uma nova língua não seja meramente um conhecimento de signos linguísticos. O aprendizado de uma língua parte do conhecimento que temos de nós mesmos e de nossa língua e cultura para que, a partir desse conhecimento primeiro, internalizemos a cultura e língua do outro. Sendo assim, o cinema pode ser considerado importante no aprendizado de um novo idioma, pois é uma ferramenta de distribuição de conhecimento em massa, como também de propagação de culturas diversas. Observamos, então, que Cronin (2009) e Oustinoff (2011) corroboram a ideia do cinema como representação cultural. Cronin (2009, p. 11) afirma que ver um filme é “um evento social e comunal e, com certeza, o meio de troca e comunicação não é feita na linguagem de Hollywood, e sim na linguagem das audiências”, pois o filme “é uma nova forma de linguagem que demanda traduções [interpretações]” (*ibidem*, p. 4). O uso de filmes em sala de aula tem, assim, o importante papel de abrir portas para o conhecimento de outras culturas e, por que não dizer, para a melhora das habilidades de comunicação em língua estrangeira.

5 – Atividades de Tradução propostas

Na elaboração de atividades com base no filme “*Alice in Wonderland*” foi selecionada a música tema “*Alice (Underground)*”, que faz parte da trilha sonora do filme, interpretada pela cantora Avril Lavigne. Essa música foi escolhida para ser uma das atividades porque tem um caráter narrativo da história de Alice e porque expressa uma ligação forte com o filme de Burton. A canção tem notas (musicais) fortes e expressivas e um ritmo melancólico/depressivo, que condiz com o estilo do filme e do diretor, mostrando, assim, uma ligação forte entre a nova versão da história. A música “*Alice (Underground)*” constitui uma fonte intersemiótica do filme, uma vez que o espectador sente na música os sentimentos dos personagens envolvidos no enredo da trama. Foi também compilada do filme de Burton a imagem de um dos personagens da história, o Chapeleiro Maluco, que é representado de uma maneira diferente das outras versões que antecedem o filme aqui selecionado. Em uma das atividades, a imagem do chapeleiro é posta ao lado do desenho

originário da primeira edição do livro de Lewis Carroll e da imagem da versão para desenho da Disney, do ano de 1957.

A partir da compilação de dados, foram elaboradas duas atividades utilizando a Categoria Intersemiótica de Tradução de Jakobson, envolvendo as quatro habilidades básicas – escuta, fala, leitura e escrita.

A primeira atividade elaborada (Ver anexo) tem o objetivo de trabalhar a categoria intersemiótica de tradução juntamente com as habilidades de escuta, fala, leitura e escrita, aprimorando estas habilidades e fazendo com que os alunos reflitam e discutam suas opiniões, envolvendo também o conhecimento prévio do aluno. Essa atividade está dividida em dois momentos. No primeiro momento, demanda-se que o aluno ouça a música “Alice (Underground)”. Após ouvirem a música, os alunos recebem uma folha com a letra da canção para que possam agora acompanhar a música, lendo. Após a leitura, os alunos discutem questões previamente elaboradas, que constam na folha que a letra da música (Anexo). As questões demandam a interpretação do que foi ouvido. Os alunos devem fazer a transposição de elementos que encontraram na música para a oralidade, descrevendo se o ritmo, por exemplo, tem alguma relação com o tipo de sentimento exposto no filme, se aquele estilo de música se encaixa no estilo do filme, etc. Até esse momento, utilizou-se a habilidade de escuta, ao ouvirem a canção; a habilidade de leitura, ao lerem a letra da música; a habilidade de fala, ao discutirem sobre o que a música trata; e a tradução intersemiótica, pois no momento que os alunos observam que a construção da canção é pensada para condizer com o enredo do filme, eles percebem que os elementos não verbais da canção se refletem nos elementos verbais, e quando os alunos explicam o que perceberam da canção, eles estão transpondo os elementos semióticos, em elementos verbais. No segundo momento, pede-se que os alunos leiam dois comentários, coletados em *blogs* de música na internet, que citam opiniões sobre a música que eles acabaram de ouvir e comentem tais opiniões. Os alunos devem ler os comentários, observar se eles são positivos ou negativos, retirando dos textos palavras que marquem críticas e/ou elogios. Os alunos podem se posicionar acerca da música e escrever os seus comentários a respeito da música em questão. Nesse momento, os alunos trabalham as habilidades de leitura, ao lerem os comentários; habilidade de fala, ao discorrerem sobre o tema; e habilidade de escrita, ao produzirem seus comentários.

A segunda atividade (Anexo), ainda relacionada ao filme “Alice in Wonderland”, tem o objetivo de comparar o personagem do Chapeleiro Maluco em três diferentes versões da história, fazendo com que os alunos observem as diferenças entre o Chapeleiro de Burton em relação às outras duas versões. Essa comparação tem a intenção de fazer com que os alunos reflitam sobre as possíveis razões da construção do Chapeleiro de Burton, identificando na construção do personagem elementos semióticos que expressam características psicológicas e/ou sentimentais.

Como dito anteriormente, a atividade traz três imagens do personagem Chapeleiro Maluco. A primeira imagem, retirada da primeira edição do livro de Lewis Carroll, “Alice no País das Maravilhas”, a segunda, do filme em desenho animado de Walt Disney, de 1957 e, a última, retirada da versão feita por Tim Burton para o cinema, que narra a volta de Alice ao País das Maravilhas, já com dezoito anos de idade. Nessa atividade, é pedido que os alunos analisem as três e imagens e discutam acerca da estética do personagem, elencando características que permanecem as mesmas nas três versões e as características diferentes, tentando inferir o porquê das mudanças, juntamente com os colegas da classe e os mediadores da atividade (bolsista PIBIC e professor). Nessa atividade, é trabalhada a Categoria Intersemiótica de tradução, ao buscarem interpretar as imagens e denotar possíveis significados. É também trabalhada a habilidade de fala, ao discutirem sobre os possíveis motivos que levaram a mudança da estética do personagem.

Essas atividades foram elaboradas embasadas em objetivos claros e específicos, em que cada imagem, texto, som/melodia, cores e demais elementos semióticos tinham papel importante no desenvolvimento e/ou melhora de uma (ou mais) habilidade linguística (escuta, fala, leitura e escrita). Para que houvesse um uso da ferramenta de tradução com propósito voltado ao auxílio do aprendizado de uma língua estrangeira, teorias de tradução e de ensino de LE foram intercaladas para a produção das atividades e sua posterior análise. Assim sendo, seguimos com as considerações finais deste trabalho.

6 – Conclusão

A tradução é, segundo Oustinoff (2011, p. 130), uma operação linguística, sendo aplicada “não a unidades de contornos previamente estabelecidos, mas a unidades diferenciais, cuja particularidade é serem indefinidamente suscetíveis de serem vistas de novo como unidades ainda menores”. Isto quer dizer que, ao traduzir de uma língua para outra, traduzimos um “quase a mesma coisa”, pois, o autor explica que essas unidades só têm validade por suas diferenças no seio do sistema da língua. Por isso, palavras como “selvagem” e “*wild*”, ou qualquer outro equivalente de qualquer outra língua, jamais irão significar exatamente a mesma coisa. As unidades linguísticas são dotadas de significados que se distinguem dependendo da língua e da cultura. Esse fator torna as línguas um complexo emaranhado que faz com que o trabalho do tradutor não seja apenas uma decodificação de signos de uma língua para outra, mas um processo de denotação de sentidos. O autor ainda fala que a tradução é a grande mediadora da diversidade de línguas e culturas.

Cronin (2009) afirma que, no cinema, as pessoas denotam características diversas a filmes e, dependendo de fatores como a cultura onde estão inseridos, a condição social, a época, e a educação que possuem. Esses espectadores irão traduzir/interpretar o filme e os personagens de maneiras diferentes. Pensando na relevância da tradução integrada aos conhecimentos dos alunos e usada

como uma ferramenta para auxiliar na melhora das habilidades de escuta, fala, leitura e escrita em uma língua estrangeira (neste caso, a língua inglesa), foram pensadas duas atividades envolvendo as habilidades citadas acima combinadas ao uso da Categoria Intersemiótica de Tradução proposta por Jakobson (1959), tendo como ponto de partida o filme “Alice in Wonderland”, com a intenção de mostrar que é possível a utilização da tradução em sala de aula, influenciando positivamente o aprendizado de uma língua estrangeira.

Muitos professores entendem que a tradução é positiva, mas não têm ideia de como utilizá-la. Como constatado em pesquisas anteriores no contexto de sala de aula de línguas estrangeiras da Universidade Federal de Campina Grande, são propostas, nesta pesquisa, atividades que auxiliem professores a criar atividades envolvendo tradução com propósitos específicos, tendo em mente o nível de conhecimento da língua em que o aluno se encontra durante a elaboração das atividades, para que elas venham a atingir o objetivo desejado.

7 – Agradecimentos

Ao CNPq pelo financiamento do projeto PIBIC e pela concessão da bolsa. E à professora Sinara de Oliveira Branco pelas orientações e auxílio durante o desenvolvimento desta pesquisa.

8 – Referências Bibliográficas

- BURTON, Tim. **Alice in wonderland**. [filme]. Produção de Linda Woolverton, direção de Tim Burton, Estados Unidos, Disney, 2010, DVD, 108 min.
- CARDOSO, João Batista. **Olhares semióticos sobre a comunicação visual**: os estudos dos signos visuais na publicidade. Revista Fronteira. V.10. UNISINOS: São Leopoldo, 2008, p.183 - 192.
- CARROLL, Lewis. **As aventuras de Alice no país das maravilhas**. Trad. e org. Sebastião Uchôa Leite. São Paulo: Summus, 1980.
- _____. **Alice através do espelho**. Trad. e org. Sebastião Uchôa Leite. São Paulo: Summus, 1980.
- CINTAS, Jorge Díaz & REMAEL, Aline. **Audiovisual translation: Subtitling - Translation Practices Explained**. United Kingdom: St. Jerome, 2010.
- CORACINI, Maria José R. F. **O sujeito tradutor entre a “sua” língua e a língua do outro**. Em: **Cadernos de Tradução**. Florianópolis: Pós-Graduação em estudos da Tradução. 2005, pp. 09-24.
- CRONIN, Michael. **Translatoin goes to the movies**. New York: Routledge, 2009.
- JAKOBSON, Roman. “On linguistic Aspescts of Translation”. IN: Venuti, Lawrence (ed.). **The Translation Studies Reader**. London: Rouledge, 2000. p. 113-118.

- NORD, Christiane. **Translating as a purposeful activity**. Manchester: St. Jerome. 1997.
- MALMKJAYER, K. **Translation and language teaching**. Language Teaching and Translation. UK: St. Jerome, 1998.
- OUSTNOFF, Michaël. **Tradução: História, teorias e métodos**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2011.
- RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e questão ética**. São Paulo: Parábola. 2003.
- SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- ZAINURRAHMAN, S.S. Artigo: **Visual Learner and Second Language Acquisition**. Disponível em <<http://zainurrahmans.wordpress.com>> Acesso em 10 de Outubro de 2011.

9 – Anexos (Atividades)

Activity 01

Listen to the song and read the lyrics. Discuss your opinion with your classmates and teacher.

- What is the song about?
- Who's Alice?
- Do you know Alice's story? If yes, does the song describe it well?
- What kinds of feelings are described in this text? What helps you to understand these feelings? Are they related to the situation of Alice in the original story?
- Have you been in a situation like that? When? Where?

Alice (Underground) – Avril Lavigne

Tripping out
Spinning around
I'm underground
I fell down
yeah, I fell down

I'm freaking out
So, where am I now?
Upside down
And I can't stop it now

oooh Ooooooh Oooohhh
I'll get by
oooh Ooooooh Oooohhh
I'll survive

When the world's crashing down
When I fall and hit the ground
I will turn myself around
Don't you try to stop me

oooh Ooooooh Oooohhh
I won't cry

I found myself
In Wonderland
Get back on
My feet again

Is this real?
Is it pretend?
I'll take a stand
Until the end

oooh Ooooooh Oooohhh
I'll get by
oooh Ooooooh Oooohhh
I'll survive

When the world's crushing down
When I fall and hit the ground
I will turn myself around
Don't you try to stop me

oooh Ooooooh Oooohhh
I won't cry
oooh Ooooooh Oooohhh
I'll get by
oooh Ooooooh Oooohhh
I'll survive

When the world's crushing down
When I fall and hit the ground
I will turn myself around
Don't you try to stop me

oooh Ooooooh Oooohhh
And I won't cry

Source: <http://letras.terra.com.br/avril-lavigne/1625965/>

Now, read these reviews about Avril's song and answer the following questions.

Review 1:

Love her or hate her, Avril Lavigne has done a solid job of making a career for herself based on music that she's written. *Alice (Underground)* is no exception. The singer approached **Tim Burton** with her idea for the song and upon hearing the final version, **Burton** agreed that the song was perfect for the movie and has given it the green light to play during the ending credits. As far as impressive thumbs ups goes, **Burton's** is at the top!

The video for *Alice Underground* was made before either Lavigne or director **Dave Meyers** had seen the entire film. The idea for the video was collaboration between the two. According to **Meyers**, Avril wanted scenes of her playing the piano to be included in the video to show that she wrote the lyrics and music for the song, a feat that is uncommon in the pop music industry.

The concept of the video includes **Lavigne** playing the character of Alice (Avril-Alice, Alice-Avril, seems plausible). Avril follows a bunny into a forest and falls down the rabbit hole, where she meets the characters of Wonderland. Director **Meyer** did an amazing job of setting the color, light, and background of the music video to match the actual movie perfectly. In one scene, Avril is sitting at a table with **Johnny Depp's** Mad Hatter character, and the seamlessness between the music video and the movie scene is flawless. How dey do dat? I would like to splice scenes of **Johnny Depp** into my family videos. You can marry relatives in Canada, right?

The music video relies a little too heavily on shots of Avril running in slow motion throughout the forest and hiding behind trees. At some points, it looks as though she is auditioning for the next Twilight film. But, overall this is one of Lavigne's strongest videos, and one of the best uses of movie scenes in a soundtrack song that I have seen. Rather than just throw movie clips in between shots of the artist playing their song, **Meyers** creates a music video that appears to have been shot at the same time as the movie. Not an easy task, especially when trying to fuse a music video with a film director that is so distinct, but *Alice (Underground)* achieves this matching guise.

Source: <http://blog.muchmusic.com/fresh-video-review-avril-lavigne-alice-underground/>

Review 2:

The last time we contemplated the “inspired by” soundtrack to Tim Burton’s *Alice in Wonderland*, we expressed the hope that Avril’s single would do away with the playground taunting 3OH!3 (and Avril herself) are typically fond of. Although “Alice (Underground),” Avril’s first single since 2008’s “The Best Damn Thing”, isn’t the second coming of Leonard Cohen (not like we were expecting that on this album anyway), we’re happy to say the lyrics carry genuine sentiment and are much easier to swallow than “Follow me, fa la la la la la.”

“When the world’s crashing down, when I fall and hit the ground, I will turn myself around, don’t you try to stop me, I won’t cry,” sings Avril, and we’re sure many of her younger fans will resonate with those words of encouragement in their stressful teenage lives. (Either that, or they can wrap themselves up in an Abbey Dawn devil hoodie for protection from the outside world.) So lyrics? We give them a B+. Not too shabby.

As for the song itself, it starts with a slow, melodic build that creates some Wonderland-esque imagery. But the biggest problem with the song is that Lavigne, trying to come off like Amy Lee, is constantly *screeching* while attempting to hit those high notes. It’s difficult to enjoy a song while you’re wincing during the chorus. We’re sure Paramore’s Hayley Williams could knock this one out of the park, but alas, it’s Avril’s song. So why didn’t she write it with her own voice in mind?

After being dissatisfied by the first two songs off the album, we’re beginning to wonder if any other artist can save this soundtrack. Robert Smith, can you please be our savior show all these youngin’s how it’s done?

Source: <http://idolator.com/5381292/avril-lavignes-alice-underground-is-far-from-the-best-damn-thing>

- What do these comments talk about? Are they positive or negative?
- With which do you agree with? Why?
- What are the main compliments or critics made to the song/singer?
- Write your own comment about the song, relating it with the original “Alice in Wonderland” story by Lewis Carrol and your previous knowledge about the singer. Take a side.

Activity 02

Look at the images bellow: the first one is a drawing of Mad Hatter in the first edition of “Alice in Wonderland” by Lewis Carrol. The second is from the 1957 Disney animation

movie and the third is from the 2010 Tim Burton's version of Alice in Wonderland. Which differences do you find between them? What was kept? Discuss why do you think this/these change/s was/were made?



Source: <http://www.fisica-interessante.com/biografia-isaac-newton.html> (picture 1), <http://blogladob.com.br/geral/deputado-psico/attachment/chapeleiro-louco/> (picture 2) and <http://www.projetocinema.com.br/tag/chapeleiro-louco/> (picture 3).